



REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO NA VELHICE: O QUE NOS DIZEM OS IDOSOS DE A DONA DO PEDAÇO?

REPRESENTATIONS OF WORK IN OLD AGE: WHAT DO THE ELDERLY PEOPLE IN A DONA DO PEDAÇO?

Valmir Moratelli¹

Recebido em: 19 de junho de 2020.
Aprovado em: 18 de agosto de 2020.

<https://doi.org/10.46401/ajh.2020.v12.10392> 

RESUMO: Este trabalho discute aspectos da representação de personagens idosos na telenovela e sua relação com a aposentadoria, invalidez e dependência financeira. Tendo como método o levantamento de aspectos característicos da narrativa folhetinesca, debate-se de que forma são construídos discursos de identidade dos idosos em *A dona do pedaço*, produção de 2019 da TV Globo. Como resultado, é percebido o desafio da TV brasileira em dar conta das mudanças que avizinham a sociedade.

ABSTRACT: This paper discusses aspects of the representation of elderly characters in soap operas and their relationship with retirement, disability and financial dependence. Having as a method the survey of characteristic aspects of the booklet narrative, it is debated how discourses of identity of the elderly are constructed in *A dona do pedaço*, 2019 production by TV Globo. As a result, the challenge of Brazilian TV in realizing the changes that bring society closer together is perceived.

Palavras-chave: Velhice; Narrativas Audiovisuais; Telenovela.

Keywords: Old age; Audiovisual narratives; Soap opera.

¹ Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGCOM da PUC-Rio). Contato: vmoratelli@gmail.com

Por que “Narrativas de Exceção”?

“Feliz quem pode, orgulhoso,
Dizer: ‘Nunca fui vadio:
E, se hoje sou venturoso,
Devo ao trabalho o que sou!’

É preciso, desde a infância,
Ir preparando o futuro;
Para chegar à abundância,
É preciso trabalhar.

(“O Trabalho”, de Olavo Bilac)

Quando se refere a trabalho, não se limita às nuances simbólicas da palavra emprego. Apesar de os dois termos serem comumente empregados como sinônimo, possuem carga semântica diferente. Trabalho está relacionado a algo construído a partir de um crescimento pessoal, uma contribuição para o mundo, uma forma de fazer diferença no meio pessoal e social. Assim, o trabalho, muitas vezes não tem valor financeiro, mas pode ser remunerado – como por exemplo “trabalho voluntário”. Também é definido como ocupação. Já emprego é simplesmente uma forma de conseguir renda. Pode também ser definido como ofício. Para Karl Marx, trabalho é a atividade sobre a qual o ser humano emprega sua força para produzir meios para seu sustento (WAGNER, 2002). A relação entre trabalho e subsistência, ou sobrevivência, seria íntima e direta, por isso Marx classifica força de trabalho como bem inalienável do ser humano.

Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo discutir aspectos da construção da narrativa ficcional para o trabalho na velhice. Através do apontamento de elementos sociais e contemporâneos, o texto aborda de que forma o idoso, homem ou mulher, é retratado na ficção televisiva, sendo sempre referenciado como exceção nestes meios. O método de análise é a descrição de determinadas cenas da telenovela *A dona do pedaço*, e as discussões que elas propiciam. A produção é de 2019, realizada pela TV Globo e narra em núcleos secundários os dramas de personagens idosos, em geral com vida profissional, social e amorosa ativas.

A essência deste artigo reside principalmente na discussão da construção de identidades e representações de exceção na mídia. Chamamos de “Narrativas de Exceção” (MORATELLI, 2019) aquelas que trazem aspectos narrativos pouco convencionais vistos na exibição, cujos temas são tabus² na maioria das produções realizadas, mesmo que abordados dentro de uma compreensão das convenções sociais. A telenovela brasileira, entendida como uma narrativa de nação (LOPES, 2003), precisa avançar e, assim, compreender certas classificações como regras e não como meras exceções. Sendo o Brasil composto por uma miscigenação historicamente constituída, que se traduz

2 A palavra tabu, de acordo com Sigmund Freud ([1856-1939] 1951), pode ser explicada por “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado”. Vem a ser abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Emílio Willems (1950), em seu *Dicionário de sociologia* (1950, p. 144), diz que há “uma infinidade de tabus”.

em uma sociedade plural, pode-se ainda incluir como Narrativas de Exceção todos os tipos que vão além dos aspectos de raça: os aspectos de gênero (e toda as definições de diversidade sexual), os indígenas, as pessoas obesas, as pessoas muito magras, pessoas com deficiência, os imigrantes, entre tantos outros. Além, é claro, dos idosos, que não estão no enquadramento central das narrativas. Concentrar-nos-emos aqui nesta Narrativa de Exceção, portanto.

Uma realidade do idoso no Brasil que em nenhum momento se discute na teledramaturgia é a sua dificuldade em se manter ou em reingressar no mercado de trabalho, o que está relacionada a diversas questões, entre elas, o preconceito quanto à idade e o tema da aposentadoria. A inserção no mercado de trabalho é uma das dificuldades a serem enfrentadas pelas pessoas de idade mais avançada. Para Argimon, Lopes e Nascimento (2001), é comprovada a importância do trabalho na qualidade de vida de idosos, já que influencia no desenvolvimento físico, cognitivo e emocional destes. Sendo assim, quando o trabalho é atrelado à ideia de satisfação e realização pessoal, as possibilidades de uma sobrevivência mais digna e saudável são maiores, “preservando assim o papel social do sujeito em seu próprio meio” (GOULART JR, 2009, p.432).

A hipótese levantada neste trabalho é de que esta temática, aqui abordada na classificação de “exceção” por ainda experimentar raros exemplos de abordagem aprofundada na teledramaturgia nacional, precisa abrir novas possibilidades de enxergar a velhice em sua plenitude de identidade, o que romperia limitações historicamente construídas. Já a respeito dos termos que remetem à velhice, diz-se que:

(...) meia-idade”, “terceira idade”, “aposentadoria ativa” são categorias empenhadas na produção de novos estilos de vida e na criação de mercados de consumo específicos. Rompendo com as expectativas tradicionalmente associadas aos estágios mais avançados da vida, cada uma destas etapas passa a indicar, a sua maneira, fases propícias para o prazer e para a realização de sonhos adiados em momentos anteriores. (DEBERT, 1999, p. 103)

É importante salientar que o número de brasileiros com mais de 60 anos chegou a 30,2 milhões em 2017, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³. Em 2012, eram 25,4 milhões - ou seja, em cinco anos, o país ganhou 4,8 milhões de idosos, um acréscimo de 19%. A tendência é que o envelhecimento da população acelere de forma a, em 2031, o número de idosos superar o de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos.

Para avançar, faz-se também necessário compreender a definição prática do termo “idoso”. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)⁴, idoso é o indivíduo com 60 anos ou mais. Todavia, para efeito de formulação de políticas públicas, esse limite mínimo varia segundo as características (cultura, demografia, expectativa de vida etc) de cada país. A OMS estabelece que, independentemente do limite mínimo a ser estabelecido, é necessário levar em consideração que a idade cronológica não é um marcador de exatidão para as alterações relacionadas à questão do envelhecimento.

3 O GLOBO. Brasil já tem 30 milhões de idosos, número de crianças diminui. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/economia/brasil-ja-tem-30-milhoes-de-idosos-numero-de-criancas-diminui-22629229>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

4 PORTAL SAUDE.GOV. Saúde da pessoa idosa. Disponível em <<http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-da-pessoa-idosa>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

É importante que se também frisar, por exemplo, variações como condições da saúde, o modo de participação na sociedade e status de independência entre as pessoas idosas, em diferentes contextos. O Brasil acompanha a diretriz da OMS. Na legislação brasileira, é considerada idosa a pessoa que tenha 60 anos ou mais de idade⁵.

Conforme já apontaram Pontarolo e Oliveira (2008), na grande maioria dos países, o pagamento da aposentadoria começa aos 60 anos para as mulheres e aos 65 para os homens. Daí, sob o aspecto econômico, a velhice, ou Terceira Idade, inicia aos 60 anos. Sob o ponto de vista biológico, os geriatras dividem as idades em: Primeira idade: de 0 a 20 anos; Segunda idade: de 21 a 49 anos; Terceira idade: de 50 a 77 anos; Quarta idade: de 78 a 105 anos. Há também uma outra classificação para os idosos em três ramos: idoso jovem, dos 66 aos 74 anos; idoso velho, dos 75 aos 85 anos; dos 86 em diante ocorre a manutenção pessoal.

(...) Para a ONU, a Terceira Idade começa aos 60 anos nos países subdesenvolvidos e aos 65 anos nos países desenvolvidos. O envelhecimento ocorre em diferentes dimensões, concomitantes ou não: biológica, social, psicológica, econômica, jurídica, política etc. O envelhecer depende de muitos fatores ocorridos nas fases anteriores da vida, das experiências vividas na família, na escola ou em outras instituições. (PONTAROLO; OLIVEIRA, 2008, p. 116)

Assiste-se a uma transformação social em diferentes âmbitos no que se tangencia nas relações pessoais e na forma como se entende e percebe o "outro", visto que as transformações nos âmbitos econômico e privado:

(...) estão suficientemente sintonizadas para que o mundo familiar se mostre cada vez menos capaz de funcionar como um escudo de proteção, em especial para garantir aos filhos posições equivalentes às dos pais, sem que a escola, para a qual fora maciçamente transferido o trabalho de continuidade cultural a partir dos anos 60, esteja em condições de realizar as esperanças que nela foram depositadas. (BOLTANSKY; CHIAPIELLO, 2009, p. 25)

Em um período em que se redefine a previdência pública no Brasil e são votadas medidas que provocam maior flexibilidade nas leis trabalhistas, o idoso permanece como pauta central no âmbito público. Ainda assim, ignora-se a representação desse Brasil que tem envelhecido. Sendo a realidade socialmente construída (BERGER, LUCKMANN, 2004), compreende-se a velhice como um tabu, por fugir à regra das representações comuns (HALL, 2003) e aceitas a uma maioria. Há "necessidade contínua de reconstruir o senso comum ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar" (MOSCOVICI, 2000, p. 48).

Protagonistas são jovens. Atores idosos fazem, na grande maioria das vezes, seus pais ou seus avós. Entretanto, inserida no ambiente do consumo e do entretenimento, a temática da velhice pode ser pautada pela "nova" sociedade brasileira – mais velha. Conforme alerta Castro (2015), ao se pensar a questão do envelhecimento da população, é necessário:

5 PORTAL SAUDE.GOV. Prevenção e promoção à saúde integral. Disponível em <<https://saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-da-pessoa-idosa#:~:text=Na%20legisla%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%2C%20%C3%A9%20considerada,viol%C3%Ancia%20contra%20a%20pessoa%20idosa.>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

(...) ir além da sua naturalização como mera decorrência da passagem do tempo no curso da vida. Considera-se indispensável atentar para a dimensão sociocultural da velhice, incluindo de modo especial a participação das imagens mediadas do envelhecimento na constituição das subjetividades contemporâneas. (CASTRO, 2015, p. 3)

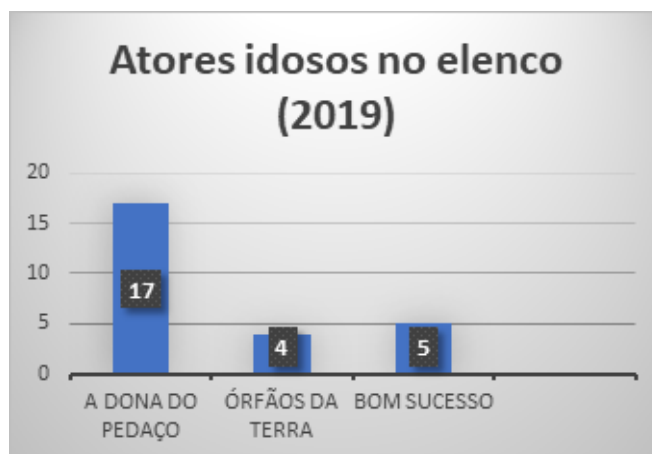
Consumo é, assim, um importante meio de inserção. Debert (2011) afirma que “a promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo — e nele não há lugar para a velhice”. É notório que a busca por se manter a juventude é uma característica de nossa sociedade. É importante, assim, referendar como o idoso é subvalorizado nas narrativas ficcionais, visto que raras produções colocam personagens idosos no centro da trama.

Analisa-se a seguir o objeto escolhido como aporte para discussão sobre a velhice. Optou-se por informar também a idade real dos atores que interpretam cada personagem, no momento que a novela foi ao ar, para reafirmar o caráter de observação da estética do idoso representado nas imagens audiovisuais.

Dezessete idosos e A dona do pedaço

Em *A dona do pedaço*, novela do horário das 21h escrita por Walcyr Carrasco, há dezessete atores idosos de um total de cinquenta atores, número bastante expressivo para uma telenovela do chamado “horário nobre”⁶. A título de comparação com as duas outras produções exibidas no mesmo período, segue o gráfico a seguir.

Gráfico 1:



Fonte: Levantamento do próprio autor

No quadro abaixo, são identificados quem são os atores, a idade no momento que estavam no ar, seus personagens e algumas características que compunham no roteiro da novela *A dona do pedaço*.

⁶ Termo comumente utilizado para definir a faixa de horário das 20h às 22h, na qual a audiência é maior e o valor de anúncio publicitário tende a ser mais caro.

Tabela 1: Elenco de idosos*

Ator / Atriz	Idade	Personagem	Estado civil na ficção	Ocupação na ficção
Ary Fontoura	86 anos	Antero	Indefinido	Advogado
Suely Franco	79 anos	Marlene	Solteira	Professora aposentada
Nivea Maria	72 anos	Evelina	Viúva	Não definida
Genézio de Barros	69 anos	Ademir **	Casado	“Justiceiro”
Rosy Campos	66 anos	Dodô	Casada	Ex-moradora de rua
Marco Nanini	71 anos	Eusébio	Casado	Ex-morador de rua
Betty Faria	78 anos	Cornélia	Indefinido	Ex-morador de rua
Tonico Pereira	71 anos	Chico	Indefinido	Faz “bicos”
Laura Cardoso	91 anos	Matilde	Viúva	Moradora de um asilo
Nathalia Timberg	90 anos	Gladyz	Viúva	Vive com ajuda da família
José de Abreu	73 anos	Otávio	Divorciado	Empresário/Engenheiro
Rosamaria Murtinho	83 anos	Linda	Viúva	Professora aposentada
Natália do Vale	66 anos	Beatriz	Divorciada	Dona de casa
Rosane Gofman	61 anos	Ellen	Indefinido	Empregada
Jussara Freire	68 anos	Nilda	Casada	Indefinido
Luiz Carlos Vasconcelos	65 anos	Miroel	Casado	Agricultor
Fernanda Montenegro	89 anos	Dulce **	Viúva	Aposentada

Fonte: Levantamento do próprio autor

* Optou-se por não considerar neste levantamento a ex-dançarina e atriz Gretchen (60 anos), por ela ter entrado após a metade da trama, em regime de participação por três semanas. O que elevaria o número de análise para 18 atores com idade a partir dos 60 anos.

** Os personagens atuam na primeira fase e morrem no começo da trama.

Apenas Otávio e Antero têm profissões bem definidas, apresentam-se em ambientes de trabalho e são representados na inserção social de suas funções. O aspecto de que está no gênero masculino a força trabalhadora qualificada se sobrepõe neste recorte narrativo. O primeiro é empresário, tem atuação fora do ambiente familiar e seu contexto dramático está relacionado à empresa da qual é dono. O segundo, Antero, é advogado da protagonista Maria (Juliana Paes, de 40 anos), quem lhe ajuda a abrir a empresa, e, mais tarde, se torna também consultor da rede de confeitarias e da fábrica. Há, portanto, uma dificuldade do idoso homem ser representado como aposentado dentro de um contexto onde a figura masculina é quase sempre provedora de sustentos do lar e plenamente ativa.

Aos poucos, Antero se aproxima de Marlene (Suely Franco, de 79), que sempre teve um interesse a mais nele. Com a chegada de Evelina (Nivea Maria, de 72) a São Paulo, é disputado por ambas. Marlene é viúva, vive da aposentadoria de professora. Praticamente adota Maria como filha, a ponto de ser tornar uma de suas principais conselheiras na vida, ajudando-a a dar os primeiros passos como microempreendedora e nos cuidados com Josiane (Agatha Moreira, de 27) ainda bebê. Ainda que tenha no roteiro inicial esta função bem estabelecida de “professora aposentada”, a característica praticamente passa despercebida ao longo da narrativa, já que suas cenas são redu-

cionistas, quase sempre em casa dando conselhos no sofá da sala para a protagonista. O outro vértice do triângulo, Evelina – papel de Nivea Maria, é uma mulher que se caracteriza por ser simples, despojada, bem diferente do que Josiane espera ter como avó. Ela não tem uma profissão definida na trama. Ao chegar em São Paulo, sozinha, se aproxima de Antero. Nota-se o triângulo amoroso na velhice entre Antero, Marlene e Evelina.

Como este romance é desenvolvido? No capítulo que foi ao ar no dia 23 de agosto de 2019, os vizinhos Antero e Marlene, que sempre mantiveram uma amizade, decidem arriscar algo a mais e passam a sair juntos. No primeiro encontro, seguindo a dica da neta Britney (Glamour Garcia, de 31), a professora aposentada usa um vestido que deixa o advogado animado. Os dois seguem para um baile da “terceira idade” (termo utilizado pela própria trama) e, ao chegarem lá, Marlene dá um show na pista. “Marlene, que orgulho. Você me fez... lembrar dos tempos de antigamente... quando éramos mocinhos”, Antero elogia a amiga, que diz ainda se sentir jovem. Após a diversão, o advogado deixa Marlene em casa, mas ela o convida para tomar um café. Ele aceita, já sabendo que as intenções da aposentada são outras. “Não vamos tomar café, vamos?”, ela pergunta. “Eu nem pensei em café...”, ele responde, puxando Marlene para o quarto. Antero a abraça e passa a mão pelo vestido da vizinha. Os dois caem na cama e, feliz da vida, Marlene confidencia: “Faz tanto tempo que espero por esse momento.”

A cena corta neste final de diálogo insinuando de que houve prolongamento da intimidade, um ato sexual, entre os dois. O tabu da sexualidade entre idosos, não permitindo cenas de beijos e raríssimos momentos de carinho expostos abertamente ao público, evoca como esta categoria se situa dentro da ótica das Narrativas de Exceção. Chama a atenção ainda, na fala de Antero, a nostalgia dos tempos de juventude. É um reforço de se merecer a questão da jovialidade, valorizando exacerbadamente o que é novo. Ele diz: “Você me fez... lembrar dos tempos de antigamente... quando éramos mocinhos”. O encontro entre eles, portanto, repleto de romantismo impregna jovialidade, já que a atitude de amar seria um ato apenas dos jovens. Esta afirmação nostálgica nega a possibilidade de se trazer o tema do amor para a velhice. Amar é um resquício de juventude, é um ato de rebeldia que, assim parece, os idosos não costumam ter.

(...) Para além de suas determinações cronológicas, demográficas e biológicas, a velhice é uma construção sociocultural marcada por uma ampla série de fatores de ordem econômica, familiar, de gênero, de estilo de vida, para citar apenas algumas variáveis dessa delicada construção. (CASTRO, 2015, p. 104)

Em uma sociedade apoiada no simbolismo patriarcal, cujo homem é o provedor do sustento e porto-seguro da família, a mulher, quase sempre, foi reconfigurada a coadjuvante. Mesmo quando protagonista, encontra refúgio e acalanto para seus dramas na esperança de um amor idealizado, incluindo também as libertárias e “modernas” que, quase sempre, se apoiam na ajuda da figura masculina para vencer, driblar adversidades, conquistar espaço. Por isso este caso aqui exemplificado rompe com esta estrutura dominante, pois coloca um casal idoso como centro da perspectiva narrativa, falando e praticando sua sexualidade. Classifica-se, como já mencionado, de Narrativas de Exceção, ainda que a trama não avance para questões mais severas – impotência sexual, perda

de libido, rejeição familiar, preconceito com o amor na terceira idade etc.

Figura 1: Idosos



Fonte: "Marlene toma atitude para impedir Evelina de lhe roubar Antero em A Dona do Pedaco". Disponível em <<https://manausalerta.com.br/marlene-toma-atitude-para-impedir-evelina-de-lhe-roubar-antero-em-a-dona-do-pedaco/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Em outro núcleo, o trabalho e a ocupação dos idosos também ajuda a compor a representação dessa velhice subjulgada. Linda (Rosamaria Murtinho) é viúva, professora aposentada, mãe de Beatriz (Natália do Vale). Foi contra a decisão da filha de se separar do empresário Otávio (José de Abreu), quem o ajudava a ocultar seus casos extraconjugais. Antes da virada da personagem, Beatriz se mostra frágil e dependente sentimentalmente do marido e da mãe, quem a incentiva a passar por cima das traições. Ao não suportar mais a traição do marido, ela decide pôr fim ao casamento tão duradouro e, aos poucos, se envolve com um rapaz bem mais jovem, Zé Helio (Bruno Bevan).

O que se percebe, na análise da narrativa desse núcleo, é que a história entre Beatriz e Zé Helio se desenrola baseada na questão geracional, o choque de gerações distintas. Algo totalmente diferente da história desenvolvida, por exemplo entre seu ex-marido, Otávio e a amante Sabrina (Carolo Garcia). Aqui, mais do que a questão da idade, o fator de gênero impõe o rumo da narrativa. Ou seja, na visão socialmente aceita, um homem mais idoso se relacionar com uma mulher mais jovem não é algo que desperte atenção. Entretanto, uma mulher se relacionar com alguém mais novo, sim. Reitera-se o fato de Otávio ter um emprego, estar à frente de uma empresa de engenharia, enquanto sua ex-mulher tem suas cenas entre o lar e a academia, sem uma profissão definida. Não cabe à mulher idosa ser representada em igualdade de ganhos, benefícios e proveitos próprios em relação ao homem idoso. Essa dependência financeira da mulher é bastante clara no decorrer no folhetim.

Hall (2000), em *Quem precisa da identidade?*, concentra-se em uma interessante discussão sobre a formação da identidade – e também da subjetividade, que pode ser empregada aqui em nossa discussão acerca da velhice.

(...) É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2000, p. 109)

A abordagem desconstrutiva, segundo Hall (2000), vê a identificação como uma construção, como um processo nunca finalizado – como algo sempre em constante processo, ou seja, está residente na casualidade. Logo que garantida, ela não suprime a diferença. Para Hall, a fusão total entre o “mesmo” e o “outro” que ela sugere é, na verdade, uma falsa agrupação ou agregação superficial.

(...) elas (as identidades) emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2000, p. 109)

Há ainda o núcleo dos “ex-moradores de rua”, onde a matriarca é a Dodô (Rosy Campos, de 66). A vida difícil não a tornou amargurada, nem menos amorosa com o marido Eusébio (Marco Nanini, de 71) e os filhos Rock (Caio Castro), Zé Hélio (Bruno Bevan) e Britney (Glamour Garcia) e a sobrinha Sabrina (Carol Garcia). Após a ocupação irregular da casa vizinha à de Marlene, acaba virando amiga e confidente de Maria.

Figura 2: Idosos “desalojados”



Fonte: “A dona do pedaço: Família de Eusébio promete cenas tensas e hilárias”. Disponível em <<https://gshow.globo.com/novelas/a-dona-do-pedaco/noticia/a-dona-do-pedaco-familia-de-eusebio-promete-cenas-tensas-e-hilarias-confira.ghtml>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Relativamente à questão do trabalho, o personagem Eusébio perde o emprego e trabalha com “bicos”. Sem conseguir nada formal, se abriga em um prédio de forma ilegal. A família é expulsa do local e encontra uma casa abandonada no bairro do Bixiga, centro de São Paulo. Lá, se tornam

vizinhos de Marlene, personagem de Suely Franco, e conhecem Maria da Paz, com quem se simpatizam. Ainda que não seja o drama central deste núcleo, visto que está inserido na parte cômica, frisa-se a questão do subemprego apontada pela narrativa. Esta situação se reforça na precariedade da assistência social aos mais idosos, dificultando também sua reinserção no mercado de trabalho, preconceito com a faixa etária, ausência de aperfeiçoamento de mão de obra qualificada, entre outros motivos. Compreende-se que o mercado de trabalho na atualidade não compreende como utilizar as capacidades dos idosos, apesar de eles terem muito a contribuir para a formação de novas gerações enquanto seres produtivos. Como os jovens são vistos como mais ágeis, flexíveis e habituados com as novas tecnologias, principalmente no campo digital, desvaloriza-se o idoso. Quando este precisa procurar trabalho, as oportunidades são ocupações instáveis ou posição inferior às que anteriormente detinham, além de remuneração insatisfatória, mais baixa.

Nenhuma dessas questões tão contemporâneas, mais uma vez, é ressaltada na narrativa. Ainda assim, a precariedade do trabalho, conforme Antunes (2009), promove a exclusão dos trabalhadores considerados idosos, “e que, uma vez excluídos do trabalho, dificilmente conseguem reingressar no mercado. Somam-se, desse modo, aos contingentes do chamado trabalho informal, aos desempregados, aos trabalhos voluntários etc” (ANTUNES, 2009, p. 236). A realidade brasileira mostra que em 2019, 12,8 milhões de brasileiros seguiam desempregados, e 11,5 trabalhadores não tinham carteira assinada, conforme dados do IBGE⁷. Este número se alteraria consideravelmente no ano seguinte, com a pandemia do coronavírus. As estimativas, em junho de 2020, eram de que o desemprego no país ultrapassasse a marca de 14% para 2020⁸.

Uma significativa parcela da população passa a ser obrigada a se contentar com subempregos, só para o sustento diário. Sendo naturalizada a ideia de que progresso se impõe sobre a liberdade, tanto jovens ainda sem qualificação quanto idosos que não completaram a contribuição para a aposentadoria ficam às margens das cada vez mais raras oportunidades de emprego formal. Não há qualquer abordagem neste sentido em nenhum dos núcleos com idosos, conferindo uma representação de vida sem a dimensão que se impõe a complexa realidade brasileira.

No mesmo núcleo dos “desocupados” ou dos “ex-moradores de rua”, Chico (Tonico Pereira, de 71), remanejado de padrasto a cunhado de Eusébio após Cornélia ser “realocada” na definição de parentesco, é um senhor picareta que corre atrás das mulheres. Mantendo o tom de humor, se acha o homem mais lindo do mundo e só dá conselhos equivocados. Em certo momento da narrativa, Chico arruma um “bico”, sendo agente do lutador Rock (Caio Castro, de 30), já que tinha contatos no mundo do boxe e poderia prepará-lo para uma luta de estreia. Como vive no submundo das falcatruas, logo se dá mal e volta a depender dos outros para sobreviver.

Na verdade, o núcleo dos “desocupados” é assistido pela caridade de Maria da Paz, a empresária boleira que sempre lhes oferece ajuda financeira. Mais tarde Cornélia ganha na sena e todos passam a morar em uma mansão, vivendo de renda. A presença de Maria da Paz como uma conselheira e mentora do grupo permanece intacta. Esta visão de que idosos dependem fortemente de

7 PORTAL G1. Desemprego fica em 11,8% em setembro. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/10/3/Rodrigo-de-Freitas-Costa-1/desemprego-fica-em-118percent-em-setembro-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

8 O ESTADO DE SP. Desemprego pode passar de 14% em 2020. Disponível em <<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/06/15/desemprego-pode-passar-de-14-em-2020.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2020. Rodrigo de Freitas Costa

alguém mais jovem para prover a subsistência – econômica e psicológica – está enraizada de forma categórica na trama. Mesmo em se tratando do retrato de uma velhice enriquecida, ou forjada longe da miséria e da informalidade.

Tanto que, em outro núcleo, destaca-se Gladys (Nathalia Timberg, de 90), mãe de Régis (Reynaldo Gianecchini) e Lyris (Deborah Evelyn). É de família tradicional, que perdeu tudo, menos a pose. Ajuda a filha a tentar salvar o casamento com Agno (Malvino Salvador). Não tem emprego, é uma madame que recebe ajuda da filha. Sua história se resume a ser empossada e, após chegar à velhice, morar com a filha, que toma conta de suas atitudes. Isso ressalta o que Castro (2015) chama de padrão identitário preestabelecido:

(...) Sem descurar do viés ideológico, compreende-se que o discurso midiático participa da constituição da realidade ao produzir uma carga afetiva que matiza nossas interações no mundo. Reconhecendo o papel ativo do receptor da comunicação, e o caráter dialético da conformação social dos discursos, entendemos que os discursos sobre o envelhecimento acionados pelos meios de comunicação participam da construção social dos padrões identitários e estilos de vida no contemporâneo (CASTRO, 2015, p. 111)

A importância de se questionar, de se interpretar e de se reavaliar as representações da velhice nas narrativas audiovisuais passa por um refazer dos discursos que montam a construção social dos padrões de identidade tão familiarizados socialmente – o de que idoso é sustentado pelos filhos/família, ou é incapaz de fazer algo além de “bicos” ou serviços menores. Isso porque a análise parte do pressuposto de que todo tipo de representação (GOFFMAN, 1999) é oriunda de forças humanas, suas capacidades de interpretação, além da mediação de influência e poder.

A questão da função social, exercício em tarefas de trabalho além da casa, parece afetar a visão a respeito do idoso. Não basta ser aposentado e ter contribuído uma boa parte da vida com seu tempo para alguma função. É preciso a perpetuação dessa entrega, “(...) pelo fato de proporcionar, em si mesmo, um ganho que a perda do emprego acarreta uma mutilação simbólica que se pode imputar tanto a perda do salário, como a perda das razões de ser associadas ao trabalho e ao mundo do trabalho (BOURDIEU, 2001, p. 247-248).

Completa o elenco dos idosos de *A dona do pedaço* a atriz Laura Cardoso (de 91 anos), que interpreta Matilde, avó de Joana (Bruna Hamu). Matilde tem Alzheimer⁹ vive num asilo e guarda o segredo maior da novela - Joana é a filha verdadeira de Maria da Paz, que não sabe sua identidade. Por uma limitação de espaço, não se estenderá a descrição dos demais personagens secundários relativos à velhice. Mas pontua-se que a novela traz no elenco Rosane Gofman, que vive Ellen, a empregada/secretária do lar de Maria da Paz; além de Jussara Freire e Luiz Carlos Vasconcelos, que vivem Nilda e Miroel, pais de Amadeu (Marcos Palmeira). Na primeira fase da trama, o elenco também contou com a participação de Fernanda Montenegro e Genézio de Barros, Dulce e Ademir respectivamente.

9 Doença neurodegenerativa progressiva que se manifesta apresentando deterioração cognitiva e da memória de curto prazo e uma variedade de sintomas neuropsiquiátricos e de alterações comportamentais que se agravam ao longo do tempo. Disponível em <<https://saude.gov.br/saude-de-a-z/alzheimer#:~:text=Alzheimer%20%C3%A9%20uma%20doen%C3%A7a%20neurodegenerativa,agravam%20ao%20longo%20do%20tempo.>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Funções atribuídas aos idosos

A análise de narrativa também levanta a discussão sobre mercado de trabalho e como os idosos se inserem e devem ser vistos nele. Estando às margens de um mercado competitivo, e já tendo contribuído ao longo da vida para o seu próprio sustento e o de empresas, é importante compreender de que forma se mantêm ativos e são representados nas narrativas audiovisuais.

Crary (2014) nos diz que as novas tecnologias e a etapa global de financeirização do capital são determinantes “para a transfiguração da nossa relação com o tempo, com nossos próprios corpos e com outros indivíduos” (RODRIGUES, 2016, s/n).

(...) Implicitamente ele se refere a uma reificação completa de todas as esferas da vida social e orgânica, como das normas socialmente compartilhadas. Assim as experiências humanas estão cada vez mais funcionando à revelia da temporalidade dos sistemas 24/7, manifestados através da unidirecional hiperconexão. Este paradigma da modernidade representa um paradoxo em relação ao tempo humano e das experiências socialmente compartilhadas. É preciso ter tempo para viver, mas é preciso mais tempo para produzir (RODRIGUES, 2016, s/n).

Em meio a isso, em uma discussão que remete ao que fazer após tanta produção, é instigante o olhar sobre a velhice que aponta a novela *A dona do pedaço*. Os dramas pessoais, que remetem a personalidades próprias do ser idoso, características da idade e das limitações físicas, além de toda a gama de acúmulo de experiências de vida, ficam às margens da criação dos personagens da narrativa. Não são abordados seus dramas mais íntimos (a morte/ finitude da vida, a falta de um/a parceiro/a, a solidão e o abandono da família, a impotência e a perda da libido, as experiências com a mobilidade urbana, direitos adquiridos por lei, escassez de trabalho, preconceito etário, doenças normativas da idade etc) – como é tão bem feito e detalhado em personagens jovens (mercado de trabalho, primeiro amor, casamento, traição etc).

Como se percebe, a história de *A dona do pedaço* aborda o tema de uma boleira que vence da vida fazendo bolos caseiros até construir uma fábrica, que lhe dá fama e fortuna. É curioso perceber uma trama em que o embate central está na disputa de poder familiar entre a mãe e sua filha pelo comando de uma empresa, ignorando a participação dos demais integrantes do núcleo secundário – os idosos aqui são meros figurantes, ainda que sejam em número circunstancial. O cerne do roteiro não se concentra no trabalho que exercem, os dilemas que enfrentam para manterem seus esforços e objetivos de vida e como os dramas se desenrolam.

Se for para desempenhar um papel cujas características não carreguem a personalidade e o histórico do significado de ser idoso em uma sociedade como a brasileira, por que então tê-los na narrativa? A idade não deve ser um subterfúgio para relegar um ator ou uma atriz a um papel secundário, mas sua narrativa o coloca como tal visto que a mesma é construída para obedecer a uma lógica de consumo voltada ao universo jovem/adulto. Quando o idoso é inserido nela, ele é o diferente, a “exceção”.

Conforme salienta Castro (2015), a velhice não é o foco central na sociedade por passar pelas questões econômicas impostas, em parte, pela adoção de discurso de que apenas a juventude im-

porta. Por isso narrativas para a velhice ainda são escassas.

(...) O preconceito do idadismo representa um componente importante do habitus da indústria publicitária. Trata-se de uma cultura que valoriza a inovação constante e de certo modo equaciona experiência acumulada com perda de flexibilidade para acompanhar o ritmo de mudanças que se impõem. (...) Por associarem envelhecimento e decadência, ou com a própria morte, publicitários criativos evitam as imagens do envelhecimento em campanhas voltadas para os mais jovens. Caso necessitem direcionar o discurso para o público mais idosos, a falta de empatia com este público pode se traduzir, mesmo que de modo inconsciente, em falta de solidariedade. (CASTRO, 2015, p. 14)

Este mesmo preconceito é transmitido a outros fenômenos e produtos culturais da onda do entretenimento inseridos na lógica do consumo, visto que obedecem às lógicas do mercado. Precisam, portanto, agradar a uma parcela de consumidores que se entendem por jovens, ainda que para isso precisem forjar limites excessivos para o termo “juventude” e retardar as barreiras do tempo chamadas “velhice”. Os idosos, na telenovela, não são “os donos do pedaço”.

Considerações finais

A ideia de que a velhice marca a última etapa da vida ainda está atrelada nas narrativas televisivas da emissora hegemônica a uma representação de um processo de perdas, consequentemente de uma imagem de invalidez e dependência. Ao se considerar o oposto, de que esse é um momento propício para novas conquistas e outras demandas, haveria uma “Narrativa de Exceção” para a velhice.

Ainda que seja uma telenovela com maciça quantidade de atores na terceira idade, *A dona do pedaço* não sustenta esta inovação. A velhice é uma categoria subutilizada na trama, visto que ali a idade canaliza ações para amalgamar de vez a ideia de que o personagem idoso está na última etapa de uma vida já sem grandes arrojados. Se os temas avançam de acordo com as demandas e transformações político-sociais, suas representações permanecem pautadas em padrões preestabelecidos pela audiência e consumo. Entretanto, *A dona do pedaço*, mesmo com a quantidade de idosos no elenco, por exemplo, não faz qualquer menção à Reforma da Previdência, assunto que dominou a pauta jornalística enquanto a trama esteve no ar em 2019.

Sendo a telenovela o principal produto de entretenimento no país, seu desafio é dar conta das mudanças que avizinham constantemente a sociedade. Perseguir uma sociedade mais plural passa também por buscar modelos de representação que abranjam a todos, ampliando assim as representações e discutindo suas atividades de trabalho, prazer pessoal e inserções sociais.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (Org.). *Infoproletários. Degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ARGIMON, I. I. L.; LOPES, R. M. F.; NASCIMENTO, R. F. L. **Atualidades sobre o idoso no mercado de trabalho**. 2006. Disponível em: www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0300.pdf. Acesso em: 15 nov. 2019.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- BOLTANSKY, Luc; CHIAPIELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001
- CASTRO, G. G. O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadismo no Brasil e Reino Unido. In: COMPÓS, 24., 2015, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.
- CRARY, Jonathan. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 1999.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- GOULART JR, Edward; MERGULHÃO, Lucila Russi; CANÊO, Luiz Carlos; NAJM, Marielly Bueno; LUNARDELLI, Maria Cristina Frollini. Considerações sobre a terceira idade e o mercado de trabalho: questionamentos e possibilidades. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 6, n. 3, p. 429-437, set./dez. 2009.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- Lopes, M. I. . Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 26, p. 17-34, 2003.
- MORATELLI, Valmir. O que as telenovelas exibem enquanto o mundo se transforma. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.
- PONTAROLO, Regina Sviech; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Terceira Idade**: Uma breve discussão. **Publ. UEPG Humanit. Sci., Appl. Soc. Sci., Linguist., Lett. Arts**, Ponta Grossa, n. 16, p. 115-123, jun. 2008.
- RODRIGUES, Antony. **Resenha**: 24/7 – capitalismo tardio e os fins do sono. Disponível em <https://blog.ubueditora.com.br/resenha-247-capitalismo-tardio-e-os-fins-do-sono/>. Acesso em: 20 ju.

2020.

WAGNER, Eugenia Sales. **Hannah Arendt & Karl Marx: O Mundo do Trabalho**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.